

GLUSTAK; Deisy Ester<sup>1</sup>

**RESUMO**

Com o advento da pandemia causada pelo COVID-19 no ano de 2020 as Instituições de Ensino tiveram que adaptar-se para dar continuidade às atividades acadêmicas e implementar modelos de ensino para colocar em prática o que o Ministério da Educação (MEC) denominou Ensino Remoto Emergencial (ERE). Outro aspecto relevante, é que os desafios impostos pela pandemia do COVID-19 no ano de 2020 foram um marco para os professores, principalmente no que se refere a propor e adaptar o ensino. Sendo assim, professores e alunos tiveram que adaptar-se a uma nova modalidade de ensino, utilizando Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para estabelecer uma comunicação síncrona com os alunos (HODGES et al., 2020) e o ERE modificou o ambiente no qual as relações de aprendizagem acontecem: as residências dos envolvidos no processo. A realidade apresentada no modo remoto possibilita verificar o quanto escolas e professores não estão preparados para atender a demanda dos alunos neurotípicos quanto aos neurotípicos (PcD), como falta de material adaptado, aulas direcionadas como um todo. Para Angelucci (2020) a família tem função essencial no desenvolvimento das crianças com deficiência, ou seja, é responsável por fazer a mediação com os educadores para que a escola compreenda as formas de acessibilidade que o aluno precisa. Na pandemia, além das famílias tem-se o envolvimento direto ou indiretamente os profissionais de psicopedagogia juntamente como o AT que são mediadores, pois, auxiliam a escola a conhecer as formas de acessibilidade que a criança ou o adolescente estão acostumados, como organiza seu pensamento, a comunicação e o universo de cuidados em saúde da criança com deficiência. O acompanhante terapêutico (AT) segundo Pitia e Santos (2005) transformou-se em um aliado importante no processo de manutenção de vínculos sociais e na participação ativa na qualidade de vida do indivíduo que havia sido acometido por problemas de saúde, os quais afetam as suas capacidades de continuar no trabalho, no estudo ou mesmo de manter uma estrutura familiar e cuidar de si mesmo. Portanto, a participação direta do acompanhante terapêutico(AT) na residência da criança que necessita de acompanhamento é de suma importância para auxiliar, estimular e reforçar as práticas do ensino-aprendizagem à distância. Entretanto, na grande maioria os pais não têm suporte para esse processo desafiador, encontrando -se despreparados para acompanhar os filhos nas tarefas das aulas remotas. Os alunos (PcD) são os mais prejudicados e estão em desvantagem diante dessas mudanças devido aos danos que a pandemia e o ensino remoto ocasionaram, criando malefícios a esses indivíduos. E devido a troca de rotina e as mudanças em geral. Além disso, tem-se as questões do acompanhante terapêutico saber atender adequadamente às necessidades específicas de seu acompanhante sendo ele PcD para assim contribuir positivamente com o ensino da aprendizagem do aluno.

**PALAVRAS-CHAVE:** acompanhante terapeutico, Pcd, tecnologias da informacao e comunicacao

<sup>1</sup> UNIASSELVI, deisyeducacaofisica@gmail.com